

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA 2025: NA COMPANHIA DE WILLIAM GREAVES
23 e 30 de outubro de 2025

IN THE COMPANY OF MEN / 1969

um filme de **William Greaves**

Realização e Montagem: William Greaves / **Argumento:** William Greaves, Jack Godler

Produção: William Greaves Productions, Inc. / Comissariado pela Newsweek Magazine / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendado em português / **Duração:** 52 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

THE DEEP NORTH / 1988

um filme de **William Greaves**

Realização: William Greaves / **Direção de Fotografia:** Nick Doob / **Montagem:** Dipu Mehta / **Som:** Charles Nuckolls / **Interpretação:** Mike Schneider

Produção: CBS News / **Produtores:** Louise Archambault, Dolores Danska, William Greaves, Howard Nash / Comissariado pela CBS / **Cópia:** DCP, cor, legendado eletronicamente em português / **Duração:** 58 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

Esta sessão reafirma a profunda crença de William Greaves na responsabilidade — e até na obrigação — dos meios de comunicação social como instrumentos pedagógicos, sendo **In the Company of Men** e **The Deep North** ambos realizados a partir de encomendas dessas mesmas instituições.

In The Company of Men parte de uma proposta da *Newsweek*, uma das principais revistas de informação da época, a William Greaves — por recomendação de Willard Van Dyke, então responsável pelo departamento de cinema do MoMA — para realizar um documentário... Até que soube o tema. Aí o entusiasmo deu lugar ao ceticismo. Qual era? Os *hard-core unemployed* — desempregados crónicos, especialmente afro-americanos. Para Greaves, habituado a estas andanças com as estruturas de poder e representação, a proposta soava a panfleto institucional disfarçado de pedagogia social, ainda para mais vinda de uma organização considerada subserviente do sistema.

Lembro que estámos nos turbulentos Estados Unidos do final do final dos anos 60, após os tumultos urbanos, os assassinatos de Malcolm X e Martin Luther King Jr., e os protestos contra a Guerra do Vietname. O país fervilhava em tensões raciais, económicas e políticas, e a promessa de integração racial colidia com a realidade do desemprego estrutural e da exclusão social, especialmente entre os afro-americanos pobres.

Na reunião com os responsáveis da *Newsweek*, foi explicado ao realizador que o documentário seria uma espécie de “serviço público” que procurava apoiar, sobretudo, integrantes da National Alliance of Businessmen, um programa corporativo de qualificação de trabalhadores em situações vulneráveis. O objetivo oficial era apoiar uma campanha para integrar os *hard-core*

unemployed no mercado de trabalho. Mas esse esforço esbarrava num obstáculo central que não podia ser coberto por qualquer verniz da pedagogia corporativa: a comunicação difícil entre estes trabalhadores e os seus supervisores brancos, num contexto agravado pelo racismo institucional e pela hipersensibilidade que daí resultava.

Greaves escreve, num artigo para a *Film Library Quarterly* (disponível no site dedicado ao realizador que tão bem indexa estes conteúdos), que o *hard-core man*, foi, sujeito a experiências negativas e traumáticas às mãos de encarregados, por vezes insensíveis, por vezes abertamente preconceituosos. Além disso, foi frequentemente brutalizado, pelo menos psicologicamente, por uma sociedade branca muitas vezes hostil. Como tal ele vê o supervisor branco como “um símbolo de rejeição, de uma América autoritária e racista, determinada a infligir-lhe sofrimento, e ele não quer fazer parte disso.”

Com a garantia do supervisor do projecto – Denny Crimmins – de que teria toda a liberdade criativa para fazer o filme que era preciso – na condição de que o foco fosse a comunicação entre as duas partes –, Greaves aceita fazer o documentário, e é assim que aqui chegamos...

Vendo nesta tensão uma configuração próxima do drama clássico — “duas partes que não querem ter nada a ver uma com a outra mas têm de se relacionar para sobreviver” (formulado aqui de modo deliberadamente simplista) — o realizador encontra o cenário adequado para aplicar as técnicas de *psicodrama*, ou mais precisamente do *sociodrama*, desenvolvidas por J. L. Moreno, que conhecia bem das sessões que frequentava no Moreno Institute, em Nova Iorque. Greaves recorre assim a uma forma de dramatização encenada que já havia explorado no seu mais célebre **Symbiopsychotaxiplasm: Take One** (filmado em 1968, embora apenas estreado em 1971) e a que regressa em **The Deep North** – de modo mais simplista –, mas a esse já lá vamos.

Empregando um psicodramatista branco do Moreno Institute – Walker Klavun – para orientar estas sessões de terapia de grupo disfarçadas de teatro de improviso – e sem qualquer garantia de que iriam, de facto, resultar – Greaves reúne trabalhadores negros, que encontrou em Kirkwood, Atlanta, e supervisores brancos da General Motors – primeiro em grupos separados e depois numa sessão conjunta – para partilharem experiências comuns através de encenações que os obrigam, por vezes, a “calçar os sapatos do outro”. O objectivo era fomentar a empatia, a escuta e a sensibilidade perante o outro lado do conflito, num ambiente marcado por desconfiança mútua e as assimetrias de poder. E claro filmar tudo isso.

Ao aplicar esta metodologia, o que aqui acontece, do ponto de vista formal, é uma desestabilização consciente das fronteiras entre encenação e realidade, entre documento e performance – numa espécie de pseudo-documentário ou meta-documentário. O filme não esconde os seus próprios mecanismos: incorpora-os como matéria dramática e discursiva. Os processos são expostos, e essa exposição implica revelar não apenas as técnicas utilizadas (como o *psicodrama*), mas também os sistemas de construção da “verdade”, denunciando os mecanismos de poder, performance e representação inerentes ao ato de filmar. Há, de facto, momentos que evocam o estilo do *cinema-vérité*, com uma linguagem visual que lembra Frederick Wiseman, no entanto o objectivo de Greaves não é apenas filmar a sessão de psicoterapia, ele orquestrou-a e intervém diretamente nela, nem que seja através da psicodramatista.

Há também uma consciência crítica de que a presença de uma equipa de filmagem influencia inevitavelmente o comportamento dos intervenientes. Essa consciência manifesta-se, por

exemplo, na decisão de Greaves de formar equipas técnicas racialmente homogéneas: totalmente negras na sessão com os *hardcore men*, e totalmente brancas na sessão com os supervisores. E prova-se quando, na sessão conjunta, os trabalhadores negros são hostis para com ele por este ter decidido filmar com uma equipa branca. Não existe aqui a ilusão de uma verdade crua, mas existe uma tentativa essencial de obtenção de espontaneidade.

Perto do final do filme, um dos supervisores brancos corrige-se a si mesmo e utiliza “men” para se referir aos trabalhadores negros. Seria um sinal de esperança no diálogo com o “outro” ... não fosse o atual estado do mundo, quase 60 anos depois.

Em **The Deep North**, Greaves volta a usar o psicodrama como instrumento de confronto e de revelação, agora num contexto geográfico e simbólico distinto, o Norte dos Estados Unidos, mais especificamente na cidade que nunca dorme. Produzido para a CBS com o apoio da Anti-Defamation League of B'nai B'rith, o filme investiga o racismo profundamente enraizado na área de Nova Iorque, demonstrando que, como Martin Luther King Jr. Descobriu ao tentar organizar o movimento dos direitos civis em Chicago, o preconceito no Norte podia ser tão virulento quanto no Sul – o ódio é sempre mais apelativo que a razão.

Trabalhando com dois psicodramatistas ligados ao Instituto Moreno – Zerka Moreno (mulher de J. L. Moreno) e Robert Siroka – Greaves reúne um grupo racial e etnicamente misto para discutir as suas experiências e percepções sobre a questão racial. As sessões revelam as complexas sedimentações do racismo quotidiano que se manifesta por via de microexpressões, desde traumas de infância até à interiorização de medos e estereótipos, expondo a forma como esses mecanismos persistem sob uma aparência de civilidade liberal.

Destaco, numa das sessões conduzidas por Zerka Moreno, um homem branco que recorda ter sido intimidado por um rapaz negro durante a infância e confessa que, desde então, associa a imagem de um jovem negro a uma ameaça física. A psicodramatista encoraja-o a confrontar essa memória, convidando uma mulher afro-americana de meia-idade a representar o papel do rapaz. A tensão que emerge torna-se o cerne do filme, um homem sem noção do absurdo dos seus próprios preconceitos. Essa tentativa exaustiva de justificação racional – por parte do grupo branco - do seu próprio racismo – que se revela sempre uma generalização que expõe um preconceito mais profundo, como se pode observar por exemplo na cena em que um homem fala dos seus vizinhos porto-riquenhos - reforça a ideia de que o racismo norte-americano é uma patologia coletiva, um sistema de projeções e delírios partilhados – nas palavras do psiquiatra Hugh F. Butts, “a principal doença mental e de saúde pública do país”.

Embora **The Deep North** seja menos coeso do que **In the Company of Men** – em parte pela amplitude do tema e pelas limitações impostas pela produção televisiva –, ambos os filmes expõem a mesma urgência ética por compreender o racismo não apenas como fenómeno social, mas como ferida psíquica, inscrita nas estruturas de poder e na intimidade das emoções. Nessa trajetória, Greaves confirma o seu papel de pedagogo social, transformando o cinema num espelho desconfortável onde a América – de Norte a Sul – é obrigada a olhar-se de frente.

Tiago Leonardo